

**A ASCENSÃO PROFISSIONAL E ACADÊMICA DAS MULHERES NO  
ESTADO DO AMAZONAS: UMA REVISÃO DE LITERATURA**  
THE PROFESSIONAL AND ACADEMIC ADVANCEMENT OF WOMEN IN THE  
STATE OF AMAZONAS: A LITERATURE REVIEW

Lorena Muniz Soares<sup>1</sup>

**Resumo:**

Este estudo aborda a presença das mulheres no âmbito científico a partir do cenário internacional, tendo como foco a figura histórica da mulher em busca de participação social, emancipação e igualdade. Assim, no primeiro tópico, descreve o contexto nacional de algumas mulheres, na maioria estrangeiras, que realizaram pesquisas, a maioria delas na área da Antropologia em etnologia, uma ciência que estava em ascensão durante o século XX. As viagens tinham a finalidade de expandir a ciência que se encontrava em ascensão no país. No entanto, à época, as mulheres eram excluídas do mundo acadêmico e científico. Essas viagens foram o fio condutor inicial de dados históricos que retratam as primeiras cientistas no cenário nacional. O segundo tópico destaca o processo de profissionalização nas fábricas da Zona Franca, que foi essencial para que jovens de diferentes partes do estado do Amazonas se tornassem operárias dessa indústria a partir da década de 1970. A profissionalização em funções manuais levou a uma condição em que rapidamente as mulheres se tornaram uma grande parcela de funcionárias e passaram a contribuir para a renda de suas famílias e a ter liberdade financeira, algo que as mulheres dos anos anteriores não vivenciaram. Esses fatos históricos no cenário regional foram o que possibilitou que as mulheres no estado do Amazonas buscassem mais instrução e ascensão por meio do ensino superior, o que foi fundamental para que a presença feminina conquistasse espaços além da indústria da Zona Franca.

**Palavras-chave:** Mulheres, Comunidade Científica, Zona Franca, Amazonas, Ensino Superior.

**Abstract:**

This study addresses the presence of women in the scientific field on the international stage, focusing on the historical role of women in the pursuit of social participation, emancipation, and equality. In the first section, it describes the national context of some women, mostly foreigners, who conducted research, most of them in the field of ethnology, a science that was on the rise during the 20th century. The purpose of their travels was to expand the science that was flourishing in the country. However, at that time, women were excluded from the academic and scientific world. These journeys served as the initial thread of historical data depicting the first female scientists in the national scene. The second section highlights the process of professionalization in the Free Trade Zone factories, which was essential for young people from different parts of the state of Amazonas to become workers in this industry from the 1970s onwards. Professionalization in manual roles led to a situation where women quickly became a significant portion of the workforce, contributing to their families' income and gaining financial independence, something that women in previous years did not experience. These historical facts in the regional context state of Amazonas to seek more

---

<sup>1</sup> Graduada em Pedagogia pela Universidade Federal do Amazonas- UFAM e Mestranda em Sociedade e Cultura da Amazônia, filiação institucional. PPGSCA/UFAM E-mail: lores.msoares@gmail.com

education and advancement through higher education, which was crucial for the female presence to extend beyond the Free Trade Zone industry.

**Keyword:** Women, Scientific Community, Zona Franca, Amazonas, Higher Education

### **Introdução**

Nas últimas cinco décadas, a presença feminina no setor acadêmico e no mundo do trabalho vem se destacando como objeto de estudo, pois é inegável que são grandes as lutas que as mulheres vêm travando ao longo da História, buscando por direitos igualitários. Contudo, ao olharmos e compararmos as mudanças nesse período, é perceptível que a sociedade atual ainda traz consigo grandes heranças patriarcais que limitam condições de ascensão e que são necessariamente definidoras do papel e do lugar que vêm sendo destinados às mulheres, reproduzindo ainda processos de luta e negociação frente ao imaginário social de hierarquização dos sexos e dos gêneros que faz pender a balança para os homens.

Nessa perspectiva, a sociedade constrói historicamente desde a infância uma hierarquia masculina de protagonismo. “A cultura histórica, literária, as canções, as lendas com quem embalam são uma exaltação ao homem. São os homens que fizeram a Grécia, o Império Romano, a França, todas as nações” (Beauvoir, 1949, p.30). Todos os grandes acontecimentos da humanidade são retratados por meio da superioridade masculina que indica que as mulheres são inferiores e devem obedecer ao paradigma estabelecido. O casamento era uma conquista indispensável, sendo a carreira honrosa da mulher seduzir um coração masculino que lhe garantiria a sua dignidade social.

No processo em que emerge o capitalismo, as condições de desenvolvimento do novo modelo econômico são contrárias ao sexo feminino, pois na medida que as forças produtivas se desenvolviam, as mulheres pelo sistema individualista instaurado pela produção capitalista eram deturpadas no sistema de produção. O sexo, perante essa conjuntura é um elemento determinante da marginalização social da mulher, sobretudo, sendo vista como inferior física e mentalmente. Não obstante, a sociedade patriarcal coloca obstáculos que venha justificar a inferiorização feminina (Saffioti, 2013).

Somente no início do século XX, se institui o processo de conquistas e avanços das lutas femininas com a influência dos movimentos sociais de mulheres que estava começando sua expansão, no campo do trabalho, porém

com cargos de menor prestígio relacionado ao cuidado doméstico, ao ensino como professoras e a área da saúde como enfermeiras, somado, após intensas lutas sociais feministas o direito ao voto e a educação básica. (Priore, 2004).

Assim, a História das mulheres, seja no Ocidente ou no Oriente, tem sido marcada por lutas sociais no sentido de buscar garantir sua dignidade e seu estatuto de cidadãs, o que lhes permitiria teoricamente acesso a campos que eram, até o século passado, ocupados majoritariamente por homens.

No caso brasileiro, a inclusão de mulheres na educação formal e o paulatino avanço nos níveis de escolarização em níveis globais e no mercado de trabalho foram divisores de águas para as novas possibilidades que começaram a se apresentar para as mulheres, trazendo uma nova gama de alternativas entremeadas à ideia de independência e empoderamento da mulher. Nesse contexto, a atual vantagem numérica das mulheres no ensino superior brasileiro não é suficiente para ultrapassar as desigualdades que estas sofrem nas posições que passam a ocupar depois da formação (Alves, 2014).

Com o objetivo de refletir sobre a inclusão da mulher no campo científico amazonense, o presente capítulo sustenta-se em um recorte – a partir da revisão de literatura – de uma investigação de mestrado, intitulada “Trajetórias de Mulheres pesquisadoras na Universidade Federal do Amazonas”, que se encontra em andamento e destaca os primeiros seis meses de revisão de literatura.

A pesquisa elege como fio condutor o diálogo com a literatura especializada sobre as lutas das mulheres nos cenários brasileiro e amazonense, ao passo que está dividido em três seções principais, nomeadamente: no primeiro momento apresentamos os caminhos metodológicos da pesquisa com o objetivo de situar o leitor no recorte que aqui empreendemos; na sequência, tratamos da reconstrução histórica da condição feminina e de suas lutas por igualdade; e, por fim, a última seção se ocupa do contexto amazonense, mais especificamente da relação entre Gênero, Educação e Trabalho.

## **Metodologia**

Nossa pesquisa se insere no âmbito da Sociologia e Educação, é marcada principalmente pela revisão de literatura dos primeiros seis meses de nossa pesquisa de mestrado (UFAM/FAPEAM), que se encontra em andamento. A abordagem utilizada para esta etapa de revisão de literatura foi qualitativa “parte do fundamento de que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, uma interdependência viva entre o sujeito e o objeto, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito” (Chizzotti, 2003, p.79)

A revisão de literatura contou com buscas nas seguintes bases científicas: Google acadêmico, Scielo e Portal de periódicos da CAPES. Para dar início a essas buscas definimos marcadores que mais se adequassem ao resultado que queríamos chegar, indo do contexto nacional ao amazonense, sendo esses os marcadores: mulheres na ciência brasileira, mulheres cientistas+ Amazonas, ensino superior+ mulheres e desempenho da mulher na ciência. A partir do resultado desses marcadores, selecionamos, 4 livros, 23 artigos e 3 dissertações que mais tinham a contribuir para a pesquisa, esse processo foi seguido de fichamentos dos textos.

Nesse contexto, com a revisão de literatura inicial, é perceptível que a luta das mulheres por direitos igualitários é uma incansável batalha histórica e social, buscando quebrar paradigmas de uma sociedade que traz consigo marcas machistas e preconceituosas sobre os “deveres” atribuídos às mulheres fortes em diversos campos de trabalho, principalmente o objeto de estudo da nossa pesquisa: o mundo científico. A síntese desta revisão pode ser vislumbrada a partir do quadro abaixo:

Quadro 1 – Levantamento de Pesquisas selecionadas na Revisão de literatura

<b>N.</b>	<b>Título da Pesquisa</b>	<b>Ano</b>	<b>Autoria/Orientação</b>	<b>Tipo de Pesquisa</b>
01	Mulheres na Ciência brasileira Desempenho Inferior?	2014	Jaqueline Leta	Artigo
02	O segundo Sexo	1949	Simone de Beauvoir	Livro
03	A mulher na Sociedade de Classes	2013	Heleieth Safiotti	Livro
04	Pesquisadoras brasileiras: Conciliando talento, ciência e talento	2012	Renata Muniz Prado e Denise de Souza Fleith	Artigo
05	As mulheres na ciência brasileira: crescimento,	2012	Jaqueline Leta	Artigo

	contrastes e um perfil de sucesso			
06	Os diplomados do Ensino Superior: diferenciação sexual nos processos de inserção profissional.	2014	Mariana Gaio Alves	Artigo
07	A recente trajetória das mulheres nas áreas urbanas do estado do Amazonas: o que revelam os dados demográficos.	2011	Adlaine Glória Silva Cavalcanti	Dissertação
08	A mulher no ensino superior: distribuição e representatividade	2014	Andreia Barreto	Artigo
09	Mulheres nas Ciências: A carreira das docentes pesquisadoras do programa de Pós-Graduação Stricto Sensu na Perspectiva de Gênero- UNESCO 2010-2015	2018	Daniela Maçaneiro Alves	Dissertação
10	O labirinto de cristal das mulheres na ciência.	2018	Carolina de Assis	Artigo
11	Gênero, raça, desigualdades e políticas de ação afirmativa no ensino superior	2015	Paula Cristina da Silva Barreto	Artigo
12	História das Mulheres no Brasil	2004	Mary Del Priore	Livro
13	Proeminência na mídia, reputação em ciências: a construção de uma feminista paradigmática e cientista normal no Museu Nacional do Rio de Janeiro	2017	Maria Margaret Lopes	Artigo
14	Mulheres e as carreiras de prestígio no ensino superior brasileiro: o não-lugar feminino	2016	<i>Amélia Artes, Arlene Martinez Ricoldi</i>	Artigo
15	Ser Mulher Operária no Polo Industrial de Manaus	2007	Irecê Barbosa	Livro
16	A inclusão das mulheres nas carreiras de ciência e tecnologia no Brasil. Inclusão Social	2011	Gilda Olinto	Artigo
17	Mulheres em Expedições Científicas no Brasil em meados do século XX	2016	Mariana Moraes de Oliveira Sombrio	Artigo
18	Trajetórias de mulheres na ciência: “ser cientista” e “ser mulher”	2014	Fabiane Ferreira da Silva, Paula Regina Costa Ribeiro	Artigo
19	Inclusão de mulheres camponesas na universidade: entre sonhos, desafios e lutas.	2016	Wender Faleiro e Magno Nunes Farias	Artigo
20	Articulando currículo,	2015	João Paulo Lopes	Artigo

	prática e cultura: Exigências formativas que impactam a escolarização de mulheres negras no Ensino superior brasileiro		dos Santos e Núbia Regina Moreira	
21	Violência Simbólica. Saberes Masculinos e Representações Femininas	1997	Rachel Soihet	Artigo
22	Estudo da maternidade em mulheres cientistas profissionais de camadas medias, no Norte do Brasil	2019	Violeta Salazar	Artigo
23	Impressões de estudantes universitários sobre a presença das mulheres na ciência	2008	Ricardo Roberto Plaza Teixeira e Paola Zarella da Costa	Artigo
24	Análise da participação das mulheres na ciência: um estudo de caso da área de Ciências Exatas e da Terra no Brasil	2019	Esteban Fernandez Tuesta, Luciano Antonio Digiampietri, Karina Valdivia Delgado, Nathália Ferraz Alonso Martins	Artigo
25	As mulheres praticando ciência no Brasil	2016	Márcia Gorett Grossi Ribeiro; Shirley Doweslei Bernardes Lopes e , Aleixina Maria Lopes Andalecio	Artigo
26	O acesso da Mulher ao Ensino superior brasileiro	2013	Carmem Lúcia de Melo Barroso e Guionar Namó de Mello	Artigo
27	A Construção Social da produção científica por mulheres	1998	Léa Velho, Elena Léon	Artigo
28	Apesar dos avanços: obstáculos ainda persistem.	2007	Tabak Fanny	Artigo
29	A Fundação Oswaldo Cruz e a ciência no feminino: a participação feminina, na prática, e na gestão da pesquisa em uma instituição de ensino e pesquisa:	2016	Jeorgina Gentil Rodrigues e Maria Cristina Soares Guimarães	Artigo
30	As cientistas mulheres na sociedade brasileira para o progresso na Ciência: Uma perspectiva da Inserção feminina em comunidade científica (1948-1958)	2019	Jéssica Bley da Silva Pina	Dissertação

Fonte: Autoria própria.

## **Mulheres cientistas no século XX: uma perspectiva histórica no cenário brasileiro**

A esfera social patriarcal durante séculos foi designada aos filhos homens da burguesia, que desde a infância eram incentivados a posições de liderança e prestígio. Assim, é indubitável que o sexo feminino se manteve longe do acesso à educação e a outros direitos sociais, ocupando uma posição periférica no sentido de determinação das relações sociais e da organização da sociedade (Christo, 2001)

O papel reservado a mulher era de submissão ao marido, cuidado doméstico e com os filhos, sendo poucas as mulheres que tinham acesso à educação até meados do século XIX, é importante frisar que a minoria alfabetizada provinha de classes altas, enquanto, mulheres da classe popular se encontrava ainda distantes do acesso à educação formal (Saffioti, 2013)

Pode-se considerar recente a vitória da inserção da mulher em meios que antes predominavam os homens, apenas contemporaneamente as mulheres conquistaram direitos de frequentar espaços sociais tipicamente masculinos. Apesar de serem poucos os registros históricos de mulheres cientistas no Brasil até o início dos anos 1990, encontramos dados que revelam que mulheres desenvolviam pesquisas desde os anos de 1933. Esses dados possibilitaram entender melhor a história dessas mulheres e como se desenvolviam profissionalmente em um ambiente de predominância masculina. Essas pioneiras eram investigadoras estrangeiras que, ao serem enviadas ao Brasil, dedicavam-se especialmente à catalogação das espécies animais e vegetais, da geografia física, descrição dos modos de vida, costumes e línguas dos povos tradicionais, entre outros.

Relatos dessas viajantes registrados em cartas, diários, relatórios ou outros documentos permitem conhecer seus trabalhos e evidenciam experiências que iam muito além da pesquisa científica. Conheciam pessoas, cidades e lugares, estabeleciam redes de relações, anotavam suas impressões sobre os costumes e a cultura do Brasil em meio aos dados da pesquisa, e esses relatos são capazes de revelar um amplo conjunto de informações sobre a época, as viagens, as ciências e as mulheres. (Sombrio, 2016, p. 9)



No início do século XX, no Brasil, registrava-se uma expansão da ciência, que dentre outros elementos era marcada pela forte presença de pesquisadores estrangeiros. A presença desses/as cientistas viajantes influenciava práticas científicas nas instituições de pesquisa brasileiras, a partir de um intercâmbio de teorias, métodos e técnicas de investigação com vistas a sistematizar as informações sobre a realidade nacional. Essas mulheres viajantes contribuíram para o avanço da ciência em uma sociedade majoritariamente machista em que os papéis atribuídos às mulheres eram o de ser dona de casa e o de cuidar de seus filhos.

Durante os anos de 1933 a 1968, as mulheres, apesar de vivenciarem um contexto que as excluiu do mundo científico, tiveram suas viagens em pesquisas registradas pelo conselho de fiscalização das expedições artísticas e científicas do Brasil. Contudo, nesse período a ciência caminhava por laboratórios fechados que dificultavam ainda mais a participação feminina, mesmo com grandes dificuldades essas mulheres registravam suas pesquisas em jardins botânicos, zoológicos públicos e em suas viagens para locais distantes e até mesmo em ambientes domésticos, sempre anotando suas observações em cartas, pinturas e diários (Sombrio, 2013). Podemos destacar que a presença dessas mulheres ao longo do século passado no Brasil foi o fio condutor inicial para a ascensão de uma geração futura de mulheres na ciência brasileira em diversas áreas a serem pesquisadas e conquistadas nas décadas seguintes.

Os estudos referentes a participação feminina na ciência crescem na década de 1970 no contexto mundial, com destaques entre os acadêmicos e se expandem a partir da década de 1980. Tornando-se objeto de estudo de diferentes áreas, dentre historiadores, antropólogos, críticos culturais, sociólogos, filósofos e historiadores da ciência. Além disso, importantes órgãos internacionais passaram a atuar no quesito da inclusão das mulheres nesse campo, como a Unesco, que, a partir da década de 1980, vem realizando e incentivando pesquisas que visam discutir e propor ações para uma maior inclusão de mulheres nas carreiras de ciência e tecnologia (Leta, 2003).

Além disso, a autora também aponta que diante dos papéis sociais se pode explicar a baixa participação de mulheres em C&T nos Estados Unidos, principalmente, em virtude da prioridade do casamento e maternidade diante



da escolha profissional, a influência dos pais na carreira dos filhos determinando seus comportamentos de acordo com seus gêneros, incompatibilidades e diferenças de cunho social e biológico entre homens e mulheres, nas habilidades cognitivas, independência, persistência e distanciamento do convívio social.

Referente a expansão do ensino superior nas últimas três décadas no Brasil, a presença feminina vem aumentando no ramo da escolarização. No campo universitário e científico cada vez mais mulheres se interessam por seguir uma carreira de pesquisadora, contudo, a realidade no mundo científico ainda revela uma grande indiferença em relação às mulheres (Olinto, 2011).

Cientistas do sexo feminino, na maior parte da literatura mundial, quando comparadas com os cientistas do sexo masculino, em geral, têm desempenho inferior, menor acesso a altos cargos de lideranças na academia, recebem recursos bem menores para suas pesquisas e salários bem mais baixos, o que explica o desempenho inferior citado perante às grandes desigualdades existentes na ciência contemporânea (Leta, 2003).

Na primeira década do século XXI, as mulheres pela primeira vez ultrapassaram os homens na formação em mestrado e doutorado no Brasil. Elas hoje são maioria em todos os níveis de ensino e também nas bolsas de iniciação científica, mestrado e pós-doutorado do CNPq, a principal agência estatal de fomento à pesquisa do país, e empatam com eles nas bolsas de doutorado. (Assis, 2018)

Desse modo, é perceptível o crescente número de mulheres fazendo pesquisa no Brasil – representando atualmente 52% dos membros de grupos de pesquisa –, contudo, quando considerados os cargos de grande relevância e a liderança dos grupos de investigação, observa-se a presença majoritária dos pesquisadores homens. A questão da desigualdade de gênero é determinante na academia, pois a mulher ainda possui dois papéis, o de cuidar da casa e família e da carreira (Grossi et al., 2016).

As mulheres predominam nas bolsas de iniciação científica – e algumas vezes nas bolsas de mestrado, mas o mesmo não ocorre nas bolsas de doutorado e pós-doutorado e nas bolsas de pesquisa. Nesta última categoria, a desproporção entre homens e mulheres chega a ser gritante. O mesmo ocorre nas

bolsas de produtividade, que exigem titulação mais elevada, o que se torna difícil para muitas mulheres. (Tabak, 2007, p. 32)

Com base nos dados obtidos podemos afirmar que a questão social e cultural historicamente implantada em nossa sociedade é de grande relevância para a escolha de uma profissão. As desigualdades sociais quando comparadas aos homens ainda é grande quando comparamos estudantes mulheres no nível da graduação, pois critérios como raça, etnia, maternidade são dados determinantes na permanência ou abandono do ensino superior (Barreto, 2015).

Um estudo divulgado pela Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), em 2014, baseado em dados da edição de 2012 do Programa Internacional de Avaliação de Alunos (Pisa), mostrou que as meninas brasileiras pesquisadas mencionaram, em proporções muito maiores do que os meninos, áreas que já são normalmente associadas às mulheres, como a saúde e ciências sociais. Apenas 38% das meninas planejam seguir carreira que envolva matemática, sendo que isso faz parte dos planos de 53% dos meninos. (Grossi et al., 2016, p. 18)

Nesse processo, se destaca que na caminhada em busca da ascensão profissional, apesar das mudanças que atualmente permite a mulher escolher se dedicar a família, ou ao trabalho, são campos que a mulher dos séculos anteriores não tinha como opção de escolha, pois desde seu nascimento seu futuro estava determinando pela figura masculina do pai e após o casamento ao marido. “integrada como escrava ou vassala nos grupos familiares dominados por pai e irmãos, a mulher sempre foi dada em casamento a certos homens a outros homens (Beauvoir, 1949, p. 166).

A escolha por cursos vistos como “*femininos*” pela sociedade caracterizava o pensamento social, mediante a trajetória das mulheres ser determinada desde o ensino secundário, em que à formação era direcionada aos cuidados domésticos, a conseguir um bom casamento e a dedicação integral a família. Muitas mulheres não se viam também capazes de cursar e concluir um curso de ensino superior, a condição econômica pesava como um entrave nesse acesso. O magistério nessa temporalidade histórica foi consolidado como uma carreira feminina, grande parcela das mulheres casavam e seguiam a profissão do magistério. (Alves, 2018).

Meninos são ensinados desde pequenos a assumir condições de controle e liderança. Meninas são estimuladas a serem delicadas, zelosas e desenvolverem afeto. Características essas que já as ligam a funções de magistério, que historicamente é uma profissão considerada própria para as mulheres, sobretudo quando exercida na Educação Infantil e no Ensino Fundamental. Presentemente, na transição da Educação Básica para o Ensino Superior, ainda é notável a grande influência desse pensamento, que acaba interditando determinados percursos formativos e profissionais com base no gênero (Leta, 2014).

O Brasil, na verdade, é o país, entre aqueles incluídos no estudo, que mais recebe menções à área de saúde como carreira planejada por parte das meninas: quase 30%, em comparação com menos de 15% dos meninos. Fazer carreira nas áreas de engenharia ou computação, em contrapartida, é escolha marcante entre os meninos. Essas diferenças de gênero nas escolhas de carreiras, observadas no Brasil, seguem de perto a média dos países da OCDE. (Olinto, 2011, p. 70)

Nesse sentido, nas áreas de ciências exatas a presença feminina ainda é mínima: cursos como ciência da computação e análise de sistemas são menos atrativos para as mulheres, ao passo que cursos das áreas de ciências sociais e da saúde despertam maior interesse nesse público. Ademais, as mulheres tendem a receber remuneração e valorização menores em relação aos colegas de trabalho homens que exercem a mesma função, independente da área de atuação.

### **A ascensão no mercado de trabalho e no setor educacional das mulheres no contexto amazonense**

Com a expansão dos direitos feministas a partir do início do século XX, durante a década de 1970 surgem novas inquietações a respeito do papel desempenhado pela mulher, questiona-se o papel que lhe foi historicamente atribuído, de ser dona de casa, e se expande a ideia do rompimento dos moldes tradicionais estabelecidos para sua inserção em áreas que antes eram majoritariamente masculinas.

No estado do Amazonas, antes dá década de 1970, os afazeres destinados às mulheres provenientes das classes populares eram de ser donas de casas e de cuidarem dos afazeres domésticos e da família. Uma parcela pequena de mulheres, majoritariamente indígenas, mestiças e negras, trabalhavam em decorrência da necessidade de sobrevivência nas ruas de Manaus desde o período oitocentista em funções de: “cozinheiras, lavadeiras, camareira de hotéis, babás, arrumadeiras, passadeiras e doceiras” (Campos, 2020, p. 11).

Com a instalação da Zona Franca de Manaus no ano de 1967, segundo Cavalcanti (2011) uma nova gama de mulheres passou a ser gerada no Amazonas na década de 1970, quando uma grande parcela de mulheres amazonenses da capital e em grande parte vindas dos interiores do estado deixaram apenas de ser dedicar aos afazeres domésticos e adentraram nas fábricas no mercado de trabalho. Em pouco tempo conseguiram ampliar sua importância na indústria local, contudo grandes dificuldades foram vivenciadas por essas mulheres, salários mais baixos que os homens, situações de assédio e incitações a abortos caso a operária tivesse uma gravidez.

Nesse cenário, apesar dos entraves destacados, é indubitável reconhecer que com esse movimento crescente da Zona Franca de Manaus e com a reestruturação nas linhas de produção, empregaram-se muitas mulheres. Além disso, com a implementação dessas novas máquinas se passou a dispensar a força física para a realização desses trabalhos, o que abriu o campo para as mulheres nas linhas de montagem manual, tendo em pouco tempo ultrapassado o número de homens nessa função (Oliveira, 2003).

Além disso, ao realizar um estudo nas indústrias da capital, Manaus, Spindel (1987), destaca que em pouco tempo as mulheres passaram de ribeirinhas a operárias, com a expansão das indústrias o emprego como operaria passou representar um marco na vida dessas mulheres, tendo uma linha divisória entre o antes e depois. Nas entrevistas realizadas o autor constatou que 95% das entrevistadas apontou uma mudança para melhor em suas vidas, especialmente no aspecto financeiro em possibilitou novos padrões de independência e consumo. Nesse contexto, Cavalcanti (2011, p. 28) indaga que:

Ao buscar a presença feminina dentro do modelo de desenvolvimento da Amazônia Ocidental, uma questão que se coloca é verificar em que medida o progresso trazido pelo modelo se mostrou relevante para a melhora da situação social e econômica da mulher local, tendo em vista as constantes mudanças que ocorreram no cenário global e se refletiram no mercado local, forçando as empresas a buscar novas formas de organização e gerenciamento.

Grande parte das trabalhadoras nos primeiros anos da Zona Franca eram muito jovens, sendo muitas delas proveniente do interior do Estado do Amazonas. Constata-se que essas mulheres se caracterizavam na indústria como uma mão de obra barata, com idade entre 16 e 25 anos desempenhavam atividades que mais exigiam habilidade manual. (Scherer, 2005)

Barbosa (2007 apud Cavalcanti, 2011, p. 29) salienta que “[...] elas chegam às dezenas para se empregarem como domésticas enquanto concluem o estudo, e o segundo passo é o Polo Industrial de Manaus, trabalhando na linha de montagem como operárias”. Nesse momento histórico, o requisito mínimo para conseguir um emprego no polo industrial de Manaus era o diploma de ensino médio completo, constituindo um fator determinante para a busca dessas mulheres por uma maior escolaridade.

Paralelo a isso, referente aos dados de estudos das mulheres amazonenses, pode-se destacar que, como fruto das lutas dos movimentos de mulheres, sua inserção em melhores cargos no polo industrial, melhores condições de trabalho e aumento da escolarização culminaram em uma migração de postos de trabalho ocupados pelas mulheres da indústria para outros setores, dentre os quais destacamos a universidade.

Cavalcanti (2011), com base no censo demográfico, expõe que de 1970 aos anos 2000 houve uma superação feminina. Nos anos 70 apenas 33% tinham o nível universitário devido à falta de oportunidades e ao papel a elas atribuído de cuidar da família. Nos anos 80 houve um pequeno avanço, entre as estudantes até nove anos 53% eram mulheres, sendo no ensino médio 54%, e 40% frequentavam algum curso pré-vestibular e no ensino superior ainda se encontravam em minoria. Nos anos 90, as mulheres predominaram como uma maioria dentre a população com até 10 anos de estudo, e também configuravam maioria no quesito segundo grau completo. No ensino superior incompleto avançaram se mantendo em 52%, demarcando um avanço

referente a década anterior. No grupo classificado com mais de 15 anos de estudo, no nível universitário a presença feminina ainda permanecia com pouca participação, porém com um pequeno avanço 42% concluíram uma faculdade contra 32% no ano de 1980.

Nos anos 2000, as mulheres no Amazonas eram a maioria a completar seus estudos, comparadas aos homens e no nível superior estavam progredindo, sendo 47% conquistando o diploma nesse nível. No contexto da região norte, as dificuldades de consolidação dos programas de pós-graduação traduzem-se no reduzido número de cursos de Doutorado, e quando analisamos a realidade das mulheres no interior desses programas, temos que a maior parte das matrículas nesse grau referem-se aos mestrandos e doutorandos do sexo masculino. Além disso, os desafios enfrentados pelas mulheres não se esgotam na entrada na pós-graduação, posto que se referem ainda aos problemas que se materializam na tentativa de ascensão na carreira acadêmica.

No estado do Amazonas, através da revisão de literatura e ao analisar todo contexto histórico social, é notável que mesmo após grandes conquistas nos últimos anos a questão do gênero ainda tem grande peso na carreira dessas mulheres, pois, mediante uma sociedade que ainda segue um plano patriarcal, a escolha por uma vida de pesquisadora requer total dedicação e grandes sacrifícios. Evidencia-se, com isso, que a realidade da segregação horizontal e vertical é decisiva na hora de escolher uma carreira e de prosseguir na pós-graduação. Referente a isso, vemos a importância das mulheres na ciência e na economia e concordamos com a afirmação da OECD (2012, p. 2), “deixar as mulheres para trás significa não somente desprezar as importantes contribuições que as mulheres trazem para a economia, mas também desperdiçar anos de investimento em educação de meninas e jovens mulheres”.

Sob essa perspectiva, se destaca a importância de esse debate ser gerador de questionamentos e transformações para que a luta por igualdade seja também não só uma ideia no mundo científico, mas uma ação contra papéis sociais definidos para as mulheres, superando dificuldades de ascensão na carreira, as mulheres enfrentam os desafios cotidianos que seu sexo/gênero tem lhe imposto nessa sociedade. A primeira fase de revisão de literatura

dessa pesquisa buscou analisar e entender esse contexto que através das leituras e aprofundamento se mostrou tão necessário ser debatido e que, com isso, possa contribuir para que as mulheres conquistem mais espaços na carreira científica e em todas as outras carreiras.

## **Conclusões**

A pesquisa buscou explorar aspectos históricos e sociais que desempenharam um papel crucial na luta das mulheres por igualdade, destacando contextos que não as excluam do processo de ascensão acadêmica e profissional. No estado do Amazonas, observa-se que as mulheres se empenharam e continuam a lutar por melhores condições de vida e trabalho, buscando dignidade. Esse esforço transformou significativamente o cenário profissional, passando de donas de casa e ribeirinhas para operárias, buscando cada vez mais progresso nas esferas profissional e acadêmica.

Apesar das conquistas nas últimas décadas, ainda persistem áreas com presença minoritária de mulheres em posições de destaque, especialmente em cargos de liderança nas universidades e em cursos predominantemente masculinos, como os das áreas de exatas. Além disso, ao optar por uma carreira científica, diversos fatores, como idade, conflitos pessoais como a maternidade e as responsabilidades domésticas, exercem influência decisiva no sucesso ou fracasso das mulheres, reforçando os papéis tradicionalmente atribuídos a elas.

As batalhas das mulheres no campo científico extrapolam os elementos comuns a ambos os sexos, como poder, prestígio e produtividade, adentrando suas condições e papéis socialmente definidos. Nessa perspectiva de oposições binárias, a mulher é apresentada como o "outro", enquanto o homem é considerado a referência desde o surgimento da ciência moderna. Portanto, é imperativo debater e promover maior presença feminina na ciência para que elas ocupem espaços e posições de poder no âmbito acadêmico e profissional.

## **Referências**



ALVES, Mariana Gaio. Os diplomados do ensino superior: diferenciação sexual nos processos de inserção profissional. **Sociologia: Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto**, Porto, v. 14, p. 227-251, 2017.

ALVES, Daniela Maçaneiro. **Mulheres nas ciências: a carreira das docentes pesquisadoras dos programas de pós-graduação stricto sensu na perspectiva de gênero-UNESC (2010-2015)**. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade do Extremo sul Catarinense, Criciúma, 2018. Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/297692686.pdf>. Acesso em: 5 de jul. 2023.

ARTES, Amélia; RICOLDI, Arlene Martinez. Mulheres e as carreiras de prestígio no ensino superior brasileiro: o não lugar feminino. **E-book**, p. 81-94, 2016.

ASSIS, Carolina de. **O labirinto de cristal das mulheres na ciência**. 2018. Disponível em: <https://www.ceert.org.br/noticias/genero-mulher/22300/editorial-o-labirinto-de-cristal-das-mulheres-na-ciencia>. Acesso em: 10 mai. 2023

BARBOSA, Irecê. **Chão de fábrica: ser mulher operária no Pólo Industrial de Manaus**. Manaus: Editora Valer, 2007.

BARRETO, Andreia. A mulher no ensino superior: distribuição e representatividade. **Cadernos do GEA**, Rio de Janeiro, v.6, p.5-46, 2014.

BARROSO, Carmen; MELLO, Guiomar. O acesso da mulher ao ensino superior brasileiro. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n. 15, p. 47-77, 1975.

CAVALCANTI, Adlaine Glória Silva. **A recente trajetória das mulheres nas áreas urbanas do estado do Amazonas: o que revelam os dados demográficos**. 2011. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Regional) – Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2011. Disponível: <https://tede.ufam.edu.br/handle/tede/2507>. Acesso em: 4 jul. 2023.

CHRISTO, Carlos Alberto. Marcas de Batom. **Revista Caros Amigos**, São Paulo, ano V, n. 54, p.16-17, set. 2001.

CHIZZOTTI, Antônio. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. 3.ed. São Paulo: Cortez, 1998.

DOS SANTOS, João Paulo Lopes; MOREIRA, Núbia Regina. Articulando currículo, prática e cultura: exigências formativas que impactam a escolarização de mulheres negras no Ensino Superior brasileiro. **Revista Tempos e Espaços em Educação**, Sergipe, v. 12, n. 31, p. 233-254, 2019.

FUNDAÇÃO INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - FIBGE. **Censo Demográfico 1980: Mão-de-obra**. Amazonas: FIBGE, 1983.

FUNDAÇÃO INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - FIBGE. **Censo Demográfico 1991: Mão-de-obra**. Amazonas: FIBGE, 1997.

GROSSI, Márcia Gorett Ribeiro; BORJA, Shirley Doveslei Bernardes; LOPES, Aline Moraes *et al.* As mulheres praticando ciência no Brasil. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 24, n. 1, p. 11-30, 2016. Disponível em: [https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-026X2016000100011&script=sci\\_abstract&tlng=pt](https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-026X2016000100011&script=sci_abstract&tlng=pt). Acesso em: 23 nov. 2020

LETA, Jacqueline. As mulheres na ciência brasileira: crescimento, contrastes e um perfil de sucesso. **Estudos avançados**, São Paulo, v. 17, p. 271-284, 2003.

LETA, Jacqueline. Mulheres na ciência brasileira: desempenho inferior? **Revista feminismo**, Salvador, v. 2, n. 3, p. 139-152, set./dez. 2014.

LOPES, Maria Margaret. Proeminência na mídia, reputação em ciências: a construção de uma feminista paradigmática e cientista normal no Museu Nacional do Rio de Janeiro. **História, Ciências, Saúde-Manguinhos**, Rio de Janeiro, v. 15, p. 73-95, 2008.

OLINTO, Gilda. A inclusão das mulheres nas carreiras de ciência e tecnologia no Brasil. **Inclusão Social**, Brasília, v. 5, n. 1, p.68-77, 2011. Disponível em: <http://revista.ibict.br/inclusao/article/view/1667>. Acesso em: 15 dez. 2020.

OLIVEIRA, Selma Suely Baçal de. As mutações no processo produtivo da indústria eletroeletrônica e qualificação dos trabalhadores. In: Reunião Anual da Associação Nacional de Pós-graduação em Educação, 26, 2003, Poços de Caldas. **Anais...** Poços de Caldas: ANPED, 2003. p. 1-16.

PRADO, Renata Muniz; FLEITH, Denise de Souza. Pesquisadoras brasileiras: conciliando talento, ciência e família. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 64, n. 2, p. 19-34, 2012.

PINA, Jéssica Bley da Silva. As cientistas mulheres na sociedade brasileira para o progresso na Ciência: Uma perspectiva da Inserção feminina em comunidade científica (1948-1958). 2019. Dissertação (Mestrado em História )- Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2019. Disponível em: <http://historia.fafich.ufmg.br/defesas/586M.PDF>. Acesso em: 12 de jun. 2023

PRIORE, Mary Del (Org.). **História das Mulheres no Brasil**. 6. ed. São Paulo: Contexto, 2002.

RODRIGUES, Jeorgina Gentil; GUIMARÃES, Maria Cristina Soares. A Fundação Oswaldo Cruz e a ciência no feminino: a participação feminina na prática e na gestão da pesquisa em uma instituição de ensino e pesquisa. **cadernos pagu**, Campinas, p. 197-222, 2016.

SALAZAR, Violeta. Estudo da maternidade em mulheres cientistas profissionais de camadas medias, no Norte do Brasil. **Wamon-Revista dos alunos do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da UFAM**, Manaus, v. 4, n. 2, p. 89-102, 2019.

SCHERER, Elenise Faria. Desemprego, trabalho precário e descidadanização na Zona Franca de Manaus. **Somanlu: Revista de Estudos Amazônicos**,

Manaus, v. 4, n. 1, p. 125-145, 2004. Disponível em:  
<https://periodicos.ufam.edu.br/index.php/somanlu/article/view/213>. Acesso em:  
25 de jun, 2023.

SPINDEL, Cheywa Rojza. Formação de um novo proletariado: as operárias do distrito industrial de Manaus. **Revista Brasileira de Estudos de População**, São Paulo, v. 4, n. 2, p. 1-38, jul./dez. 1987.

SILVA, Fabiane Ferreira da; RIBEIRO, Paula Regina Costa. Trajetórias de mulheres na ciência: "ser cientista" e "ser mulher". **Ciência & Educação**, Bauru, v. 20, n. 2, p. 449-466, 2014.

SOIHET, Rachel. Violência simbólica: saberes masculinos e representações femininas. **Estudos feministas**, Florianópolis, v.5, n. 1, p. 7-29, 1997

SOMBRIO, Mariana Moraes de Oliveira. Em busca pelo campo – Mulheres em Expedições Científicas no Brasil em meados do século XX. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 48, p. 1-38, 2016.

SOARES, Soares; IZAKI, Rejane Sayuri. **A participação feminina no mercado de trabalho**. Texto para Discussão, n. 923, Rio de Janeiro: IPEA, 2002, 27 p.

TABAK, Fanny. Apesar dos avanços: obstáculos ainda persistem. **Cadernos de gênero e tecnologia**, vol.3, nº10, Curitiba, 2007, pp.9-20. Disponível em: <<https://periodicos.utfpr.edu.br/cgt/article/view/6164> > Acesso em: 9 jul. 2023.

TEIXEIRA, Ricardo Roberto Plaza; COSTA, Paola Zarrella da. Impressões de estudantes universitários sobre a presença das mulheres na ciência. **Ensaio Pesquisa em Educação em Ciências**, Belo Horizonte, v. 10, p. 217-234, 2008.

TUESTA, Esteban Fernandez et al. Análise da participação das mulheres na ciência: um estudo de caso da área de Ciências Exatas e da Terra no Brasil. **Em Questão**, Porto Alegre, p. 37-62, 2019.

VELHO, Léa; LEÓN, Elena. A construção social da produção científica por mulheres. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 10, p. 309-344, 1998.